

# UM DISCURSO EM LUANDA

RUBEM BRAGA

**I**NTERROMPO hoje a tradução de alguns trechos da entrevista de Fidel Castro a «Playboy» para comentar um telegrama que vem de Luanda.

É uma pena que a gente não tenha aqui o texto integral dos discursos que estão sendo torrencialmente pronunciados em Luanda. Já sabemos, entretanto, que nossos aspirantes estão sendo levados a fazer visitas e doutrinados em conferências. E sabemos também que o chefe do Estado-Maior da Marinha portuguesa, almirante Reboredo, disse em um banquete ao comandante do esquadrão naval brasileiro: «Creio firmemente que um forte poder naval luso-brasileiro concederia aos nossos países uma posição indisputável neste oceano, designadamente no Atlântico Central e Sul, que poderíamos apelar de «Mare Nostrum».

Seu discurso acaba falando na «soberania e integridade territorial de nossas queridas pátrias».

Éra mais ou menos o que eu esperava. Não me consta que a integridade territorial do Brasil esteja ameaçada. Tampouco está a portuguesa. Ameaçado, e condenado, está o domínio português sobre os territórios africanos, como já extinto está seu domínio sobre portos asiáticos. Um vento de libertação varre a África, e, apesar de todo o seu atraso e todas as suas contradições, ela vê a ascensão à liberdade política de seus povos longamente escravizados. O regime português parece querer ignorar isso, recusando-se a crer que vá acabar um sistema que tem mais de quatro séculos e meio de existência. A intransigência e a cegueira da política de Lisboa conduzem a uma guerra longa e cruel que é um mal para todos, inclusive para a continuidade da influência da cultura lusitana naquela parte do mundo, e para a defesa dos legítimos interesses de seus colonos.

Se não podemos obrigar Portugal a adotar uma política inteligente na África, também não é razoável darmos o menor sinal de que somos cúmplices de seus erros. O Itamarati nunca desmentiu a notícia, mais de uma vez repetida, de que, através de acordos secretamente assinados em Lisboa, o Brasil passaria a gozar de certas vantagens em Angola e Moçambique. Essa criminosa operação nos levaria a criar interesses na África — interesses que iríamos defender com nossas Forças Armadas quando chegasse a ocasião. É irrisório e indigno.

E que suntuosa tolice é essa de «Mare Nostrum»? Só a Argentina tem mais litoral atlântico do que Angola e Portugal juntos — sem falar do Uruguai, da Venezuela e de vários jovens países independentes da África. Na época dos submarinos atômicos esse almirante português abre as portas de uma nova política baseada na navegação das caravelas.

Meu amigo Stanislaw Ponte Preto devia ir a Angola colecionar material para um novo FEBEAPA que seria o FEBEAPAPOR, incluindo nossos irmãos portugueses no tremendo festival de besteira que assola o país.

Os Estados Unidos não permitiram que acesse a Luanda um navio de guerra que estavam entregando à Marinha portuguesa; não quiseram aparentar sua adesão a esse festival de colonialismo retrógrado e odioso.

Mas esperem e verão: novos discursos desabarão em Luanda, até encher o «Mare Nostrum».

10, 2. 64